

LITERATURA BRASILEIRA E (RE)CONFIGURAÇÕES TRANSVIADAS

André Luis Mitidieri

UESC

Resumo: Ao negar a essencialização e certo caráter sistêmico que estariam implicados na adjetivação da literatura homossexual, gay e/ou homoerótica, penso ser talvez produtivo considerar a ideia de “configurações literárias do homoerotismo”, defendida por José Carlos Barcellos e por José Luiz Foureaux de Souza Júnior, e a de “olhar homoerótico”, sugerida pelo último estudioso. Tais noções permitem propor, a partir da expressão “configurações homoeróticas na literatura”, que “configurações transviadas” na literatura e no espaço biográfico brasileiros não cessem de indicar práticas de violência e promoção da ininteligibilidade dos sujeitos LGBTQIA. Dessa forma, tais configurações, que incidem em outros discursos, requerem trânsito crítico, dos olhares homoeróticos a reconfigurações transviadas, equivalente à virada cucaracha que, aproximada ao giro decolonial, opera tradução idiossincrática do “cuir” como “estudos/ativismos transviados”, conforme a apresenta Berenice Bento.

Palavras-chave: Estudos transviados; Literatura brasileira; Espaço biográfico.

Abstract: To name a kind of literature as homosexual, gay and/or homoerotic would implicate essentialization and a certain systemic character. So it may be productive to consider the idea of “literary configurations of homoerotism”, defended by José Carlos Barcellos and José Luiz Foureaux de Souza Júnior, and that of “homoerotic approach”, by the last professor. Such notions allow us to propose, based on the expression “homoerotic configurations in literature”, that “queer configurations” in the Brazilian literature and biographical space do not cease to indicate practices of violence and promotion of unintelligibility of LGBTQIA subjects. In this way, such configurations, which affect other discourses, require a critical transit, from a homoerotic approach to queer (re)configurations, equivalent to the “cucaracha turn” that, similar to the “decolonial turn”, operates idiosyncratic translation of queer/*cuir* in Latin American studies/activisms, as presented by Berenice Bento.

Key-words: Queer Theory; Brazilian literature; Biographical space.

Sabendo da notória necessidade de reunir, situar, debater e disseminar aportes teóricos relativos às possíveis relações entre literatura e homossexualidades, buscamos elaborar um roteiro contextualizado, que possa auxiliar outros pesquisadores da área a empreenderem um diálogo produtivo com o pensamento atual sobre a temática em vista. Com tal propósito, o instrumental teórico selecionado para estudo e discussão constitui-se por reflexões basilares acerca de espaços, gêneros e temas que possibilitam revisar pressupostos históricos e literários tradicionais, os quais já não conseguem dar conta de impasses para cuja análise se fazem necessários conceitos e instrumentações mais contemporâneos. Nesse sentido, práticas discursivas tidas como extrínsecas à literatura, por exemplo, (auto)biografias e formas semelhantes, proliferam, realizadas por pessoas LGBTTQIA¹ ou a seu respeito.

Para tanto, inauguramos a presente discussão por intermédio do conceito de “homocultura”, conforme identificado, dentre outros pesquisadores, por Didier Eribon (2000) e José Carlos Barcellos (2006), nos quais ressoa a leitura da obra de Michel Foucault, especialmente, quando esse aborda traços interculturais e subjetivos que ganham vigor com os agenciamentos e as políticas, firmados como meios de resistir aos discursos, métodos, procedimentos e técnicas destinados à regulação das sexualidades não enquadráveis nos padrões da heteronormatividade.² A “homocultura” era então compreendida enquanto arena de lutas simbólicas, que objetivava a afirmação de valores ocultos pela máscara da normalidade. Admitir sua viabilidade conceitual exige rastrear o que a identifica e discutir forças de expressão, espaços de discursos, instrumentos de reafirmação, como elucida Foucault (2010), para quem uma possível “cultura *gay*” não se restringirá simplesmente a

¹ A sigla LGBTTQIA, como toda e qualquer materialização da dinamicidade da linguagem, sujeita-se a modificações complementares, significando, de modo ainda provisório, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, *Queers*, Intersexuais e Assexuais.

² A heteronormatividade é definida por Michael Warner (1991) como um sistema complexo, que envolve variados ângulos das formas e dispositivos de ordem social, constituindo relações de poder através das quais a sexualidade vem caber dentro da norma e a ser regulamentada. Do mesmo modo, as relações heterossexuais idealizadas acabam por se institucionalizar e configuram um único modelo “normal” de conduta, tornado praticamente obrigatório, porque supostamente caracterizaria o ser humano de modo inequívoco.

uma escolha de homossexuais por homossexuais, mas “criará relações que podem ser, até certo ponto, transpostas para os heterossexuais” (122).

Desdobramentos críticos do pensamento foucaultiano permitem considerar a “homocultura” como um encadeamento de ressignificações produzidas por pessoas que não se enquadram na cultura heteroerótica, como forma de resistência às normas dessa sexualidade atualmente majoritária. Trata-se de um fenômeno inserido no imaginário social, capaz de ser reconhecido como entrelaçamento simbólico, e já histórico, “que inventa modalidades de relações, modos de vida, tipos de valores, formas de troca entre indivíduos que sejam realmente novas, que não sejam homogêneas nem se sobreponham às formas culturais gerais” (FOUCAULT, 2010: 122).

Essas possíveis diferenças culturais, destacadas pelo pensador francês, levam-nos ao entendimento de que a “homocultura” não se desvincula do caráter político e libertário, sublinhado por Eribon (2000) em “uma cultura homossexual que se cria ao longo do século XX, resistindo à repressão, às normas, à ‘normalidade’, seja na literatura e no teatro, seja simplesmente na criação e na manutenção de espaços de sociabilidade e solidariedade (bares, lugares de encontro, associações etc.)” (29, tradução nossa). Segundo o autor, extrai-se do pensamento foucaultiano a ideia de uma “subjetivação coletiva”, assinalada pela reinvenção de interações socioculturais e afetivas cujo modelo residia nas comunidades *gays* dos Estados Unidos.

Embora não se valha exatamente do termo “homocultura”, Barcellos (2006: 65) pensa em uma “cultura homoerótica”, a incluir

o que poderíamos chamar de cultura homossexual e de cultura *gay* — também pode ser identificada e apreciada como tal por um público não exclusivamente *gay*. Ao mesmo tempo, muitas obras somente serão reconhecidas como pertencentes a essa cultura, na medida em que se dominem determinados códigos que nelas se fazem presentes.

Aspecto talvez caracterizador da cultura homoerótica, o “homoerotismo” se associa, no pensamento de Jurandir Freire Costa (1992), a toda uma convergência de bens simbólicos elaborados por ou sobre quem “guarda, do costume linguístico admitido, a ideia de ‘atração pelo mesmo sexo’, ideia que deve ser aceita com reservas, dada sua ambiguidade

semântica. Melhor seria dizer, então, que o emprego do termo visa sobretudo distanciar o interlocutor de sua familiaridade com a noção de “homossexualidade” (Costa, 1992: 23).

Costa (1992) vale-se do termo homoerotismo, avalizado por Freud (1920), em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, mas “criado por F. Karsch-Haack, em 1911, e utilizado neste mesmo ano por Sandor Ferenczi” (COSTA, 2000: 113), devido primeiramente a uma questão de ordem teórica, relacionada à clareza e à flexibilidade que ganha, quando confrontado com “homossexualismo” e “homossexualidade”, prestando-se, pois, a melhor descrição da pluralidade das práticas ou desejos orientados ao mesmo sexo, e a evitar o “grande erro etnocêntrico” que consiste em interpretá-la como essência, estrutura ou denominador comum universalizante:

Primeiro, porque exclui toda e qualquer alusão a doença, desvio, anormalidade, perversão etc., que acabaram por fazer parte do sentido da palavra ‘homossexual’. Segundo, porque nega a ideia de que existe algo como ‘uma substância homossexual’ orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas. Terceiro, enfim, porque o termo não possui a forma substantiva que indica identidade, como no caso do ‘homossexualismo’ de onde derivou o substantivo ‘homossexual’. O último aspecto é importante por seus efeitos imaginários. Porque usamos na linguagem ordinária o substantivo ‘homossexual’, terminamos reféns de nossos hábitos. O emprego frequente do termo leva-nos a crer que realmente existe um tipo humano específico designado por esse substantivo comum. Vamos além, acreditamos que a peculiaridade apresentada por esse tipo é uma propriedade permanente da natureza de certos homens, que independe das descrições que a tornam visível e plausível aos nossos hábitos linguísticos. Ou seja, é uma qualidade de certos humanos que antecede os vocabulários responsáveis pela invenção do termo ‘homossexual’ e do suposto tipo de homem que lhe corresponde (COSTA, 1992: 21-22).

O segundo motivo listado por Costa (1992) para referendar sua escolha por homoerotismo é de ordem histórica, porque a palavra “homossexual” atrela-se por demais “ao contexto médico-legal, psiquiátrico, sexológico e higienista de onde surgiu” (24). A terceira e última razão prende-se ao fato de que seguir autenticando a “existência de uma tendência natural de uma minoria de homens a ser, sempre e em qualquer circunstância, exemplar de uma ‘mesma variação natural de homossexualismo’ [...] significa manter o sistema de nominação criado para fazer do homoerotismo a contrapartida rebaixada e degradada da sexualidade heteroerótica” (35).

Contudo, João Silvério Trevisan (2018) não invalida a categoria “homossexual”, apesar das limitações que carrega:

Do ponto de vista do significado, a vantagem do termo homoerotismo é indiscutível: ao contrário de homossexualismo, exclusivamente voltado para a prática sexual, sua abrangência abrigaria uma gama bem ampla de comportamentos e tendências. Talvez seja importante introduzi-lo em nosso vocabulário cotidiano. Ainda assim, as ponderações de Jurandir Freire Costa não me parecem convincentes, pelo simples motivo de que no dia a dia precisamos de um termo para nos referenciarmos. Por mais provisórios que possam ser, esses ‘artefatos identitários’ instauram a possibilidade de comunicação, pois ‘não podemos vagar no universo ambiental como pedaços de tábua de um naufrágio’, nas palavras do próprio Jurandir. Por outro lado, qualquer descrição ou definição da atração sexual (ou meramente erótica) entre pessoas do mesmo sexo continuará se carregando de elementos pejorativos enquanto a sociedade mantiver a propensão a estigmatizar esse tipo de tendência. Daí por que me parece frágil qualquer substituição meramente linguística. Afinal, cada tempo tem a sua maneira de nomear, interpretar e *identificar* o mundo (36).

De qualquer modo, cultura homoerótica converte-se em noção que, apesar de pouco compreensível à primeira vista, parece menos negativizada do que cultura homossexual e mais ampla do que homocultura e cultura *gay*. Por sua vez, Eribon (2000) alerta:

Querer falar em nome da ‘comunidade’ pressuporia não só que tal comunidade existisse, mas que fosse um grupo homogêneo, dotado dum conjunto de ideias ou objetivos bastante identificáveis. Evidentemente, não é o caso e não é possível – nem por outra parte, desejável – que tal coisa possa ocorrer (37, tradução nossa).

O pesquisador francês recorre a estudos históricos e sociológicos, mas também a autobiografias e a textos literários, levando-nos a crer no potencial desses tipos de enunciados para resistir a engrenagens opressivas e perturbar o *status quo*, quando seus focos se voltam a ambientes, desejos, discursos, espaços, experiências, gírias, inter-relações, modas, personalidades, representações, sentimentos, subjetividades, vivências etc., compartilhados em formatações plurais, que não podem ser elididas em favor da universalidade.

De alguma maneira, dinâmicas homogeneizantes veem-se rompidas a partir do desvelamento de artistas, autores, personagens, perspectivas e temáticas com assinalamento contra-hegemônico em termos de gênero e sexualidade. Com tal propósito, fez-se premente a divulgação de uma “literatura guei”, assim grafada em conformidade com os editores do jornal *Lampião da Esquina* que, em 1978, optaram por abrigar a palavra *gay* (a qual ia se tornando sinônimo de homossexualidade feminina ou masculina), para marcar nossa diferenciação e nosso distanciamento da cultura norte-americana.

Posteriormente, “literatura homoerótica” se converteria em expressão provavelmente mais ampla do que literatura *gêi*, já que, no Brasil e em outros lugares, *gay* pode restringir-se aos homossexuais masculinos, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos, onde a palavra também se estende às lésbicas. Porém, advertimos desde logo acerca da sua insuficiência quando estão em jogo demais sexualidades não normativas, pois não acolhe, dentre outras, a bissexualidade, a intersexualidade, a transgeneridade, a assexualidade etc.

Mesmo como essa limitação, textos de sujeitos homoeroticamente inclinados ou a seu respeito dão visibilidade a sentidos ocultos e silenciados pelos cânones nacionais que, quando muito, ousam cooptá-los em função do critério utilizado para sua ordenação – o da nacionalidade –, como alerta Mário César Lugarinho (2003). Trata-se de uma escrita pouco analisada pela crítica universitária, tacanha em conferir destaque à inclinação homoerótica dos escritores ou à explicitação (ainda rara) da temática: “Por conta disso, certos autores e obras foram colocados à margem da História da Literatura e, convenientemente, esquecidos pelo cânone; ou, pior, a abordagem da questão foi considerada, muitas vezes, não pertinente por se comprometer com um sentido extraliterário e, às vezes, biográfico” (Lugarinho, 2003: 134).

Produções excluídas das histórias literárias, ou que delas mal fazem parte, a modo de figuração “para constar”, instalam lugar propício à reflexão em meio à qual o “olhar homoerótico” defendido por José Luiz Foureaux de Souza Junior (2019) avista e seleciona elementos a partir dos quais construir e reconstruir os sentidos: “[...] abre-se para o leitor, por sua posição central e fundamental, a oportunidade de se fazer responsável pelo discurso de ‘identificação’ que vai guiar, a ele próprio, pelas sendas da leitura que realiza” (262).

Essas visadas fluidas parecem contraditar uma tradição patriarcal, androcêntrica e religiosa, pois:

a inflexão de um olhar como o homoerótico faz diluir fronteiras, agregando perspectivas, integrando abordagens, articulando discursividades que, antes, eram sempre mais departamentalizadas, fazendo pensar na hegemonia de um campo sobre o outro. Fica demonstrada, então, a peculiaridade do ‘entre’ que coloca o olhar homoerótico, quando da articulação dialética, discursiva, plurivocal e interdisciplinar dos Estudos Literários ‘e’ dos Estudos Culturais (SOUZA JÚNIOR, 2019: 141-142).

A disciplinarização, o elitismo cultural e o essencialismo teórico, sustentados por visões estéticas que se arraigaram nas instituições literárias, demasiado cúmplices do academicismo oitocentista, além de dependentes do pensamento europeu e norte-americano, veem-se contrapostos pela ideia de “literatura homoerótica”, assim defendida por Antonio de Pádua Dias da Silva (2009):

Todo e qualquer texto literário ou de ficção que represente prioritariamente (não exclusivamente) questões referentes à cultura gay, seja através de personagens (centrais), de narradores, de falas, de discursos, de práticas discursivas, de alusões ao submundo gay, que exponham ou não conflitos envolvendo os gays e os não gays, numa demonstração de que a ficção vislumbra uma sociedade tolerante à diversidade sexual, ao mesmo tempo em que a mimetiza como homofóbica (102).

Em consonância, Emerson Inácio (2010) retoma considerações foucaultianas sobre o poder disciplinar dos séculos XVIII e XIX, que tanto atinge as Ciências Humanas e a linguagem, quanto o corpo e o sexo, para inferir que o cânone literário “funcionaria como um disciplinador dos diversos discursos autodeclarados estéticos, mas que por diversas razões tornar-se-ão excêntricos, marginais e/ou periféricos, procurando responder aprioristicamente à demanda ‘o que é literatura?’” (112). O autor aponta que tensões entre a chancela reguladora, por parte das instituições, e a reivindicação de lugar, por parte das produções, confundem-se com critérios variados, tais como

classe social, permeabilidade do autor ou da obra em determinados contextos e espaços, gênero, raça e etnia, ou ainda com o tipo de suporte utilizado na divulgação da obra. Aliás, o trinômio gênero-sexo-orientação sexual talvez seja de todos os elementos citados aqui o que mais cause (ou tenha causado) desconfortos ao cânone, considerando sua inscrição nas histórias literárias [...] muito salta aos olhos o fato de a sequência masculino, homem e heterossexual ser silenciosamente o *modus operandi* dos cânones literários (INÁCIO, 2010: 113).

Portanto, ao expandir horizontes na problematização de subjetividades humanas controladas, quando não, suprimidas, pelo ideário burguês alicerçado no binômio família e Estado-nação, o estudo da literatura homoerótica torna-se potencialmente desestabilizador dos modelos e normas instituídos para regular as sexualidades. Elementos de resistência e emancipação podem ser nela analisados, com vistas a elaborar posições, pensamentos e reflexões que realoquem sujeitos homoeroticamente inclinados, dos parques enunciados, em que figuram timidamente, até avançado século XX, lugares de enunciação nos quais não se vejam aliados do protagonismo.

O afastamento da heteronormatividade, bem como a afirmação dos corpos e sexualidades considerados abjetos auxilia no redimensionamento, e na exposição da fragilidade, de imagens e projetos alicerçados na ideia de construção nacional. No caso específico do cânone literário brasileiro, de acordo com Regina Dalcastagné (2012a), a conformação é pouco plural e dominada por homens brancos da classe média cujas narrativas abordam apenas os dramas vivenciados na metrópole, com foco para o que eles e seus pares vivem. A professora comenta pesquisa por ela realizada, que abarca romances publicados no Brasil entre 2005 e 2014:

Só para citar alguns números, em todos os principais prêmios literários brasileiros (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do Prêmio São Paulo de Literatura). Outra pesquisa, mais extensa, coordenada por mim na Universidade de Brasília, mostra que, de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico. Por isso, a entrada em cena de autores (ou autoras) que destoam desse perfil causa desconforto quase imediato (DALCASTAGNÉ, 2012b: 14).

Ainda segundo Dalcastagné (2012b), “muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele. Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala” (13). Nesse sentido, a literatura brasileira apresenta-se como território contestado de poder, no qual forças discursivas se enfrentam e engendram lutas, as mais das vezes desiguais, em virtude dos modos de silenciamento e opressão impostos pelas forças homogeneizantes e canônicas (DALCASTAGNÉ, 2012a; 2012b) – também entendidas como forças brancas e heteronormativas.

A literatura homoerótica assim se desvelaria como força contracanônica, na qual, conforme Silva (2014), os espaços de poder se constroem, ou se inventam, para usar terminologia foucaultiana, quando as personagens dos textos “propagam imagens valorizando a si e aos outros da mesma subjetividade na relação físico-corporal, afetivo-sexual ou no trabalho, nas amizades [...]” (62). Conforme o pesquisador, o texto literário assume também o valor e a função de “demover lugares antes solidamente cimentados

numa ou por uma cultura heteronormativa conservadora e perceber como personagens-sujeitos avançam nas relações sociais de poder” (62).

Compreendemos, entretanto, que não é possível condicionar a existência da literatura homoerótica a um público receptor, como se exige das comunidades interpretativas, para as literaturas nacionais, já que, muitas vezes, os textos nem são conhecidos, o que também exige da crítica todo um trabalho de arqueologia e disseminação das obras literárias. E antes de nos perguntarmos se o autor é guei; a autora, lésbica, ou o texto, homoassinalado, como pensa Stockinger (1978) numa perspectiva mais essencialista, talvez seja atentar a Barcelllos (2006) que, além de se referir a “configurações do homoerotismo masculino”, conjectura a impropriedade de se falar em:

[...] representação do homoerotismo na literatura, mas sim de configurações literárias do mesmo. Ou seja, postulamos que é na linguagem e através dela que as experiências se fazem enquanto tais no momento mesmo em que se dizem. É, pois, no espaço histórico e social da(s) linguagem(ns), que procuraremos detectar as diferentes experiências homoeróticas que chegaram a se configurar nas narrativas estudadas (105-106).

A partir dessa base conceitual, optamos pela expressão “configurações homoeróticas na literatura”, considerando “[...] mais as relações (ainda quando isoladas) do que as pessoas isoladamente” (Trevisan, 2018: 39) que abrangem tanto a homossexualidade quanto formas anteriores à criação linguística do homossexual no século XIX, e também identificações, práticas, tradições, estilos de vida etc. definidos como gueis ou lésbicos e compreendidos desde o marco histórico dos movimentos de emancipação política da década de 1960. Ao entendermos que uma configuração textual ou discursiva realiza “a mediação entre a prefiguração do campo prático e sua refiguração pela recepção da obra” (RICOEUR, 2010: 95), notamos no “olhar homoerótico” (SOUZA JÚNIOR, 2019), tributário da Escola de Constança, determinada confluência com a proposta de Jonathan Dollimore (1991) de se levar em conta a perversão, em parte, produzida no interior mesmo das estruturas, provocando a que, uma vez identificada, possa ser reinscrita e se desestabilizar.

Verdade que, no Brasil, tais configurações seguem escassas, marcando-se, pelo menos até os anos 1990, por autorias, personagens e tematizações gueis, primeiramente, e

lésbicas, num segundo plano mais rarefeito.³ Em tal panorama, Natalia Borges Polezzo (2018) declara sobre a literatura escrita por lésbicas:

Podemos apontar também certo corte etário (mulheres jovens) e social (classe média ou alta), e determinado trânsito por grandes cidades (capitais ou cidades mais cosmopolitas). Neste sentido, as representações não são muito plurais e, por vezes, a autoria se encaixa com os cortes etários, sociais e geográficos (3).

Embora se verifique pequeno número de personagens travestis na literatura brasileira, desde o conto de Raimundo Magalhães Júnior, “A grande atração”, publicado em 1936 (FERNANDES; SCHNEIDER, 2017), a escrita de autoria travesti só ocorreu em 1980, mas com enunciação no masculino. Trata-se do livro de poemas *Eu, Ruddy*, publicado pela cabeleireira Ruddy Pinho, que editaria outras reuniões poéticas: *O sabor do cio* (1981); *Certos movimentos de um coração* (1983). Junto com as crônicas de *Quando eu passo batom me embriago* (1983), esses textos que, de algum modo, se conformam como autobiográficos, nunca revelam o “[...] sofrimento por ver-se obrigada a caber dentro de uma identidade que, com os livros posteriores, veremos não ser a sua” (Moirá, 2018). As autobiografias de Ruddy, *Liberdade ainda que profana* (1998) e *Nem tão bela nem tão louca* (2007), somadas ao livro de contos *In...confidências mineiras e outras histórias* (1999), contemplam já sua existência pública como mulher trans.

Anderson Herzer publicou, em 1982, *A queda para o alto*, primeira autobiografia escrita por pessoa trans no Brasil, contudo, “em momento algum ele chega a se dizer trans e, apesar de se tratar sempre como Anderson, e sempre no masculino, é só nas entrelinhas do texto que se afirma homem” (Moirá, 2018). Por isso, o texto de João W. Néry – *Erro de pessoa: Joana ou João?* (1984) – marca-se como a primeira autobiografia brasileira

[...] conscientemente trans, com um autor que revela conhecer intimamente os debates feitos pela medicina e ciências do seu tempo e que já tinha, inclusive, se submetido a uma série de intervenções cirúrgicas clandestinas para tornar seu corpo legível como um corpo de homem (Moirá, 2018).

Na década seguinte, Danilo Angrimani publicaria *Nicola*: um romance transgênero (1999). João W. Néry volta à escrita memorialística em *Viagem solitária*: memórias de um

³ Inventários da literatura homoerótica brasileira podem ser encontrados em: CAMARGO; GARCIA, 2016; FACCO, 2003; FERNANDES, 2015; GREEN; POLITO, 2006; MITIDIERI; CAMARGO, 2015; SILVA, 2012; THOMÉ, 2009.; TREVISAN, 2018.

transexual 30 anos depois (2012) e *Vidas trans: a coragem de existir*, em coautoria com Amara Moira, Márcia Rocha e T. Brant (2017). Em 2016, Linn da Quebrada divulga sua primeira canção autoral, “Enviadescer”; Amara Moira lança a autobiografia *E se eu fosse puta* e Atena Beauvoir, os *Contos transantropológicos*. Ainda, um garoto trans protagoniza o romance de Thati Machado, *Singular*, lançado em 2017, quando JeisiEquê de Lundu integra a coletânea *Profundações 2*, e vêm a público: o poemário *De trans pra frente*, de Dodi Leal; a *Antologia trans: 30 poetas trans, travestis e não-binários*, organizada por Carmen Garcia, Carolina Munis, Elida Lima, João Pedro Innecco e Raísa Martins. Em 2018, Ave Terrena Alves e Atena Beauvoir publicam, respectivamente, os livros de poemas *Segunda queda* e *Libertê: poesia, filosofia e transantologia*. Em 2019, Luisa Marilac dá a conhecer a autobiografia *Eu, travesti*, e João W. Néry, as entrevistas e os relatos que preparava antes de falecer: *Velhice transviada: memórias e reflexões*.

Parece igualmente tardia a interseccionalidade homoerotismo/relações étnico-raciais, a ocorrer com Miriam Alves, Conceição Evaristo, Cidinha da Silva e Waldo Motta. Se preenchermos outras lacunas, como as obras escritas por ou sobre bissexuais, intersexuais e transgêneros (talvez a necessitem de mais pesquisas que as revelem), literatura homoerótica e configurações homoeróticas na literatura já se transformam em noções insuficientes. Renomeadas ou não, podem dialogar com a Teoria *Queer*, seus desdobramentos críticos e possíveis interseções, tendo-se em mente o alerta de Rick Santos (2002): “A *querness* na literatura não é um objeto solidificado que poderia ser fetichizado e absorvido pelo sistema. Ela está nas ambiguidades e flutuações das relações e potenciais relações homoeróticas que se estabelecem entre interlocutores/as” (20).

Nesse caso, através do comprometimento político, sobreposto a uma discutível exigência estética, e exposto pelo espaço biográfico, corpos individuais ou coletivos confrontam o poder ao celebrarem o desejo e a reversão dos dispositivos que os interditam. Assim, o que chamamos provisoriamente de “configurações *transviadas*”, recuperando o potencial decolonizante que os editores do *Lampião* vislumbravam na palavra “guei”, consiste em histórias cujos entravamentos pelo atual cenário acadêmico brasileiro são bastante conhecidos. Apesar dos pesares e dos “corpos que importam”, grandíssima parte de docentes insiste em trabalhar com os clássicos e reserva pouca energia para autores e

textos ditos periféricos. Quando as margens são enfim atingidas, seus atributos literários custam a ser reconhecidos e, se isso ocorre, exculpam-nas por suas conformações (auto)biográficas.

Podemos situar no âmbito das configurações *transviadas* nem tão somente as produções simbólicas de pessoas LGBTTQIA ou a seu respeito. Dessa maneira, textos, releituras, interpretações e demais produções do campo literário enredam-se a conceitos, lugares de fala, posições enunciativas, confrontados por entrecruzamentos discursivos, transdisciplinares e políticos, “que são pontes para pensar e repensar diálogos promissores [...] sobretudo, em termos das peculiaridades de cada campo interdisciplinar de discursos e das formas criativas com as quais as linguagens têm trabalhado a dimensão das homossexualidades” (CAMARGO; GARCIA, 2016: 11), a exemplo da produção (auto)biográfica no cinema, nas revistas, nos jornais, nas mídias, na internet etc.

Nos seus enfrentamentos ao cânone, ao fundamentalismo religioso e às instituições tradicionais, abordagens às configurações *transviadas*, embora não choquem com a Teoria *Queer*, permitem traçar linhas diferenciais em relação a esses estudos, nos quais predominam

[...] elementos específicos daquelas culturas em que a estratificação de classe, etnia e origem social são flagrantemente visíveis – as culturas latinas carecem ainda de estudos mais apropriados, e, por isso, é preciso conformar um modelo de análise que venha a dar conta das especificidades das culturas de língua portuguesa e das formas com que os falantes de língua portuguesa podem lidar com os estudos *queer*. Para os estudos *queer* anglo-saxônicos, a questão fundamental é a diferença sexual. Para se compreender a diferença em língua portuguesa, no entanto, tal como pela teoria *queer*, são necessárias inúmeras considerações de ordem histórica e cultural. A especificidade das culturas de língua portuguesa impõe esta reflexão, impedindo a *tradução* imediata da teoria *queer* para o português (LUGARINHO, 2001: 41-42).

No que concerne à tradução cultural da teoria *Queer* para a língua brasileira, Larissa Pelúcio (2016) sublinha:

[...] nossa produção é aquela gestada nas fronteiras, na ambiguidade das margens, do estar aqui e lá a um só tempo. Dos riscos que o entre-lugar apresenta, mas também da riqueza que essa experiência proporciona. Temos procurado mostrar que a construção dos sujeitos abjetos é marcada por discursos de poder nos quais as experiências de exclusão estão referidas a processos históricos que marcam subjetividades. Talvez nossa própria experiência fronteiriça tenha nos sensibilizado para essa produção marginal, subversiva, forjada pela força rasteira dos que sempre necessitaram enfrentar os inseticidas morais para sobreviver (134).

Nesse sentido, Conceição Evaristo (2011) pontua: “Acredito que determinadas experiências forjam escritas ora mais, ora menos contaminadas pela condição biográfica do

autor e do drama existencial enfrentado por ele” (131). De modo similar a Evaristo (2011), Inácio (2010) propõe que a forma de existência dos indivíduos pode agenciar os discursos por eles produzidos:

O que a arte viva põe em tela é não só a esteticização da vida, como também a vivificação da arte, baseada nas experiências ficcionais ou não do indivíduo, e que pode ser acrescida pela orientação sexual que o constitui e que pode influenciar em seu trabalho estético [...] (116-117).

Trata-se de um conceito de literatura que se abre à compreensão da homossexualidade, “convertida em pederastia pela esteticização da existência e do corpo, escrevendo assim um texto do desejo, que por consequência revela sexualidade e formas de erotismo” (INÁCIO, 2010: 117). Da forma como proposta pelo pesquisador, a “estética pederasta” viria a ser:

[...] uma rearticulação da perspectiva de gênero para além do par formal masculino-feminino, particularmente das homossexualidades, no interior da literatura, e propiciadora de uma descompressão do silenciamento da (homo)sexualidade como paradigma possível e protocolo de leitura. A estética pederasta constituir-se-ia como um somatório de aspectos biográficos, ficcionais e estéticos, e seria baseada na experiência homoerótica, seja na ordem do vivido, seja na ordem do ficcionalmente literário, contribuindo para a caracterização da pederastia como recurso estético e forma de vida (INÁCIO, 2010: 117).

Os termos “estética” e “pederasta” podem ser refutados, o primeiro, por remeter à filosofia idealista, e como tal, a suas notórias distinções entre arte e não arte. O próprio autor, em artigo publicado no ano seguinte, afasta-se do esteticismo que, ressaltamos, não se faz presente no texto previamente citado:

Daí, que seja necessário que empreendamos ou a crença total nessa função salvadora do literário ou que o entendamos como efetivo elemento de problematização social, cultural, moral e política, engajado estética e eticamente. Disso decorre a lógica da rasura do senso comum crítico, contrariando a (falsa) premissa de que o naturalmente estético – a Literatura – não pode e nem deve abrir-se à compreensão de outros fenômenos que não residam naquele mesmo espaço. Contraditório tal juízo, visto que boa parte dos horizontes dialógicos utilizados pela crítica literária no século XX não têm o dado puramente estético como pressuposto: Sociologia, Marxismo, Filosofia, História e, mais recentemente, a ‘farra’ transdisciplinar multiculturalista, são todos um além-teoria literária, mas que têm sido, tido e encarados como discursos com os quais a Literatura não só pode como deve dialogar (INÁCIO, 2011: 101).

Dessa forma, as configurações homoeróticas, também as *transviadas*, podem centrar-se na experiência dos escritores que tornem a temática e a experiência algo

comunicável aos leitores. Por sua vez, a recusa respeitosa ao termo “pederastia” ocorre em função de que a

[...] relação ‘pederástica’ não coincide com a moderna relação ‘homossexual’. Na Grécia não existiam palavras para designar o que chamamos de ‘homossexualidade’ e ‘heterossexualidade’ porque simplesmente não existia ideia de ‘sexualidade’. A sexualidade é uma construção cultural recente, como mostrou Foucault. No mundo helênico havia um eros múltiplo, heterogêneo, sem contrapartida no imaginário de hoje (COSTA, 2000: 133).

No entanto, é relevante que Inácio (2010) sustente uma escrita apta a permear-se pelas experiências de cunho (auto)biográfico, reaproximando a crítica literária de uma confluência da qual, desde o mundo helênico, a literatura nunca esteve afastada, e que se chama “espaço biográfico”:

– espaço/temporalidade – mais dilatado que o gênero [biográfico], pensado não a partir da pureza étnica, mas sim das interações, das inter-relações, do hibridismo das formas, de seus deslizamentos metonímicos, de sua intertextualidade, em resumo, das diferentes maneiras em que as vidas ‘reais’ – experiências, momentos, iluminações, lembranças – narram-se, circulam e são apropriadas nas incontáveis esferas da comunicação midiática (ARFUCH, 2009: 114).

O reconhecimento das relações coexistentes e das disputas empreendidas a partir dos discursos impediria o bloqueio e a anulação dos tipos possíveis de estilos, como os expressos pelas obras literárias nas quais o homerotismo assume variadas escalas de assuntos e abordagens (até os anos 1990, ressalvemos), presas majoritariamente à homossexualidade hegemônica, encarnada em corpos brancos, masculinos, classe média, metropolitanos. Coincidentemente, Caio Fernando Abreu (1996), cujas personagens pareciam não fugir a esse padrão, publicaria postumamente na revista *Sui Generis*, dedicada a leitores com o mesmo perfil, “A lenda das Jaciras”. Nesse texto, o autor contempla, junto a outros três estereótipos de gueis, o da Jacira, bicha “fechativa”, “pintosa”, que hoje se reconhece como “poc”.

Ao modo da “reinscrição transgressiva” pensada por Dollimore (1991), essa personagem soma-se a outras criaturas ficcionais e a escritores, artistas, performers etc. que, ao subverterem modelos predominantes, podem reincorporar o conceito de “homografia”, quer dizer, a demarcação de uma zona de sensibilidades, estratégias, referenciais afins, que inscreva textualmente sexualidades fora dos padrões heteroeróticos

e, ao mesmo tempo, as esfume, como forma de resistir à categorização, pois essas marcas seriam contingentes:

[...] expõe a derrapagem metonímica, uma diferença interna do “próprio” significante, que a metáfora se encarregaria de estabilizar ou negar. Ela articula uma diferença, por meio da polarização entre igualdade e diferença, entre presença e ausência: esses casais interligados de modo a determinar a identidade como mesmidade ou presença para si mesmo. Nesse sentido, a homografia, em um gesto que conserva o que contesta, define como central para a ‘homossexualidade’ uma recusa das especificações de identidade (incluindo a identidade sexual) realizada pela prática cultural de alguma homografia regulatória que poderia marcar o próprio espaço dentro do qual se deve pensar a própria ‘homossexualidade’. Como escrever, isto é, re-inscrever-se no próprio momento de sua inscrição (EDELMAN, 1994: 14, tradução nossa).

O circuito de instrumentalizações visibilizado por Dollimore (1991), Edelman (1994), Barcellos (2006) e Souza Júnior (2019) pode ser ampliado para além de procedimentos estéticos, como o *camp*, a paródia, a imitação e o pastiche, por textos que, ao darem conta da afirmação de corpos e subjetividades desviados da cisheterononnormatividade,⁴ podem validar a nossa proposição de configurações *transviadas* (conceito que não se confunde com *queer*, ao contrário, o abraça). Antes convém reiterar a impossibilidade de “[...] isolar ou essencializar *queerness*, pois esta pode também estar simplesmente no/a leitor/a que, por viver e apreciar certos códigos/maneiras do mundo *queer*, é capaz então de identificá-los [...]” (SANTOS, 2002: 21).

Configurações *transviadas* na literatura e no espaço biográfico brasileiros assim não cessam de indicar práticas de violência e promoção da ininteligibilidade dos sujeitos. Não só por essa razão, a interseccionalidade com dinâmicas de classe social e étnico-raciais, dentre outras, constituiria, segundo Berenice Bento (2017), uma “meta programática”: “compreender o porquê dessa proliferação dos que estão fora, invisibilizados, mas, de fato, estão presentes como entes fantasmagóricos” (51).

Desde sua prefiguração às margens de uma sociedade patriarcal, religiosa e terrivelmente homofóbica, configurações *transviadas* também em outros discursos requerem um trânsito crítico – dos olhares homoeróticos a reconfigurações *transviadas* –, equivalente à virada *cucaracha* que, análoga ao giro decolonial, opera tradução

⁴ Para Viviane Vergueiro (2015), orientação sexual e identidade de gênero podem ser interseccionalizadas “[...] como uma potencial problematização do termo ‘hetero’ para se pensarem tanto as normatividades de desejos e práticas sexuais quanto para se pensarem as regulações do sistema sexo-gênero: cisheteronormatividades, talvez?” (57).

idiossincrática do “cuir” como “estudos/ativismos transviados” (BENTO, 2017: 131). O grande desafio dessas reflexões no Brasil continua sendo a necessidade de transpassar os umbrais das universidades e, pois, da própria noção do que se denomina na academia de literatura.

Nesta trajetória de formatação de uma nebulosa conceitual aproximada a anseios diversos e múltiplas dicções, as dobraduras teóricas privilegiadas prestam-se a (re)inventar vivências e textualidades. Não se trata, contudo, de maquinar um cânone ao reverso ou de mendigar cubículos nas histórias da literatura e veículos contíguos. Trata-se, sim, de interpelar o campo literário através das chispas do desassossego, que pulsam vivas para além do armário ou do arco-íris, sombrias, em meios tons, matizes tantos, leques de letras sempre aberto a renovados ares e tonalidades furta-cor.

Porque ainda se nos apresenta a imprescindibilidade de existir e resistir a réplicas anacrônicas, revigoradas por longas capas, novas roupagens, dos antigos sistemas e regimes que, por séculos, tentam negar-nos a vida e a arte. Pode ser que ainda não tenhamos respostas definitivas:

Talvez o que distinga as escrituras dissidentes seja o seu caráter escorregadio, sua não identidade (ou identidade torcida), seu constante desafio aos binarismos e às convenções, sua aposta por um olhar lúdico em direção aos corpos, aos desejos e às sexualidades (PERALTA, 2015-2016: 27, tradução nossa).

Por isso, alguns dos mais diversos nomes que nos atribuíram restam grudados nos seus tempos de uso pejorativo; outros se decalam e se desrecalam de modo subversivo, porventura, nunca consensual, para não perdermos de vista a noção de diferença, pressuposta pela “desnaturalização das identidades sexual e de gênero” (BENTO, 2017: 249), bem como pela des-essencialização da própria ideia de literatura e, para além dela mesma, dos seus estudiosos. Isso sim que se desvela uma tarefa de Sísifo.

TRABALHOS CITADOS

ABREU, Caio Fernando. A lenda das Jaciras. *Sui Generis*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 10, p. 22–23, 1996.

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico na (re)configuração da subjetividade contemporânea. In: GALLE, Helmut et al. (Orgs.). *Em primeira pessoa*: abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume, 2009. p. 113-121.

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BENTO, Berenice. *Transviad@s*: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

CAMARGO, Fábio Figueiredo; GARCIA, Paulo César Souza. *Homocultura e linguagens*. Salvador: EdUNEB, 2016.

COSTA, Jurandir Freire. *A ética e o espelho da cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício*: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea*: um território contestado. São Paulo: Editora Horizonte, 2012a. 208 p.

DALCASTAGNÉ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Ibéric@l*, Paris-Sourbonne, n. 02, p. 13-18, 2012 b.

DOLLIMORE, Jonathan. *Sexual Dissidence*: Augustine to Wilde, Freud to Foucault. Oxford: Clarendon Press, 1991.

EDELMAN, Lee. *Homographesis*: Essays in Gay Literary and Cultural Theory. New York: Routledge, 1994.

ERIBON, Didier. *Identidades*: reflexiones sobre la cuestión gay. Trad. por José Miguel Marcén. Barcelona: Bellaterra, 2000.

FACCO, Lúcia. *Boca no trombone*: literatura lésbica contemporânea. 2003. 71 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. *O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX*. São Paulo: Scortecci, 2015.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque; SCHNEIDER, Liane. *Personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX*. João Pessoa: EdUFPB, 2017.

FOUCAULT, Michel. O triunfo do prazer sexual: uma conversação com Michel Foucault. In: FOUCAULT, M. *Michel Foucault*: ética, sexualidade, política. [Ditos e Escritos, V]. 2. Ed. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 119-125. (Org. Manuel de Barros Motta).

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos*: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

INÁCIO, Emerson. Literatura e sexualidades: o que pode um corpo. *Revista Alere*, Cuiabá, v. 1, p. 6, 2011.

INÁCIO, Emerson. Por uma estética pederasta. In: COSTA, H. [et al.] (Org.). *Retratos do Brasil homossexual*: fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. p. 111-124.

LOPES, Denilson. Uma história brasileira. In: LOPES, D. *O homem que amava rapazes*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 121-164.

LUGARINHO, Mário César. Como traduzir a teoria queer para a língua portuguesa. *Revista Gênero*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 36-46, 2001.

LUGARINHO, Mário César. Literatura de Sodoma: o cânone literário e a identidade homossexual. *Gragoatá*, Revista do Instituto de letras da UFF, Niterói, v. 14, p. 133-147, 2003.

MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Flávio Pereira (Org.). *Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais*. Ilhéus: Editus, 2015.

MOIRA, Amara. Transgressões da primeira autora trans. *Suplemento Pernambuco*, Recife, v. 144, p. 4-5, 2018.

PELÚCIO, Larissa. O cu (de) Preciado – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. *Iberic@l*: Revue D'études Ibériques et Ibéro-américaines, Paris, n. 9, p. 123-136, printemps 2016.

PERALTA, Jorge Luis. Escrituras dissidentes: algumas propostas teóricas. *Nerter*, La Laguna, n. 25-26, p. 19-27, 2015-2016.

POLESSO, Natalia Borges. Geografias lésbicas: literatura e gênero. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 20, p. 3-19, abr. 2018.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa: a tripla *mimesis*. In: RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: WMW; Martins Fontes, 2010. 3t. t. 1. p. 93-156.

SANTOS, Rick. Desessencializando *querness* à procura de um corpo (textual) *queer* inclusivo. In: SANTOS, R.; GARCIA, W. (Orgs.). *A escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2002. p. 15-22.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si: literatura homoerótica e escritas de si. *Acta Scientiarum: Language and Culture*, Maringá, v. 36, n. 1, p. 61-71, jan-mar. 2014.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Uma visada sobre a construção discursiva em torno da literatura de temática homoerótica. In: ARANHA, Simone Dália de Gusmão; PEREIRA, Tania Maria Augusto; ALMEIDA, Maria de Lourdes Leandro (Orgs.). *Gêneros e linguagens: diálogos abertos*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009. p. 95-108.

SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. *Herdeiros de Sísifo: teoria da literatura e homoerotismo*. 2. ed. rev. atual. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2019. (Primeira edição em 2007).

STOCKINGER, Jacob. Homotextuality: A Proposal. In: CREW, L.; BARRET, E. (Eds.). *The Gay Academic*. Palm Springs: ETC, 1978. p. 135-151.

THOMÉ, Ricardo. *Eros proibido: as ideologias em torno da questão homoerótica na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Razão Cultural, 2009.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. rev., atual. e ampl. Rio de Janeiro: Record, 2018. (Primeira edição em 1986).

VERGUEIRO, Viviane. 2015. 244 f. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

WARNER, Michael. Introduction. In: WARNER, M. (Org.). *Fear of a Queer Planet*. Queer politics and Social Theory. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994. p. 7-31.

André Luis Mitidieri Pereira é Professor Titular (Pleno) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), atua no Curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras - Linguagens e Representações - dessa universidade, onde exerceu os cargos de vice-coordenador (2015-2017) e coordenador (2017-2019). Lidera o Grupo de Pesquisa O Espaço Biográfico no Horizonte da Literatura (GPBIOH) e dirige o Programa de Extensão Revisões do Cânone. Consultor ad-hoc da CAPES, é membro e vice-coordenador (2019-2021) do GT Homocultura e Linguagens da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Docente da Graduação em Letras e do PPPGL - Mestrado em Literatura Comparada - da URI-FW (2008-2010) - do qual foi Sub-Coordenador. Possui Pós-Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestrado e Doutorado em Letras, área de concentração em Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduado em Letras pela Universidade da Região da Campanha (URCAMP) e em História pela Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões, campus Frederico Westphalen (URI-FW).

Artigo recebido 03/04/2020.